

O REALISMO CRÍTICO E O OLHAR PÓS-COLONIAL: ENSAIO SOBRE O LIVRO *A GERAÇÃO DA UTOPIA*, DE PEPETELA

João Victor Sanches da Matta Machado (Mestrando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, UFRJ/Capes)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo delimitar aspectos de um realismo presente no livro *A Geração da Utopia*, do autor angolano Pepetela. O método de Erich Auerbach será tomado como princípio analítico para que possamos perceber no romance de Pepetela o momento da literatura revolucionária que Frantz Fanon define como *literatura de combate*, quando o intelectual deixa de mimetizar a metrópole e dedica-se à luta de libertação nacional.

Palavras-chave: Pepetela; Auerbach; Realismo.

ABSTRACT

The present work aims to delimit aspects of a realism present in the novel *A Geração da Utopia*, by the Angolan author Pepetela. The method of Erich Auerbach will be taken as analytical principle so that we can perceive in the novel of Pepetela the moment of revolutionary literature that Frantz Fanon defines as combat literature, when the intellectual stops mimicking the metropolis and dedicates himself to the national liberation struggle.

Key-words: Pepetela, Auerbach, realism.

Assim como Auerbach percebe a quebra dos modelos de representação no realismo da Idade Média e no realismo Moderno, as formas de representação que observamos no romance de Pepetela também funcionam como uma maneira de lermos as dinâmicas sociais inseridas no momento de luta contra o colonialismo. Temos que ter em mente o historicismo intrínseco ao pensamento de Auerbach que, assim como salientado por Edward Said, reconhece que “a história e a sociedade humanas são criadas num processo laborioso de desdobramento, desenvolvimento, contradição e, o que é muito interessante, de representação”. (SAID, 2007, p. 117)

Com isso, o universalismo eurocêntrico entra como foco da crítica de Pepetela que, diferente de um modelo autoritário, preocupa-se em retratar a multiplicidade da sociedade angolana através da relação de suas personagens com seus tempos e espaços específicos. A representação desse realismo na literatura pode ser percebida a partir do rompimento com o eurocentrismo e os modelos discursivos universais. Assim, por exemplo, como veremos mais abaixo, cada capítulo do romance é precedido pela demarcação temporal e espacial, possibilitando que os questionamentos partam das próprias personagens inseridas naquele tempo/espaço da narrativa.

O processo de revolução trabalhado por Pepetela no romance, que atravessa os diversos momentos da luta de libertação, caracterizam o trabalho sério com o cotidiano que Auerbach valorizava em suas análises sobre o realismo europeu. Porém, muito além das críticas ao colonialismo português colocadas no conteúdo das falas das personagens, a quebra paradigmática da obra de Pepetela acompanha todo o processo de rompimento com o discurso universalista europeu de sua época. Desta feita, Auerbach conclui que:

Quando Stendhal e Balzac tomaram personagens quaisquer da vida quotidiana no seu condicionamento às circunstâncias históricas e as transformaram em objetos de representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade quotidiana e prática só poderia ter lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entendimento agradável, leve, colorido e elegante. (AUERBACH, 1987, p. 499).

O trabalho sério de Pepetela com o cotidiano da luta quebra os padrões de representação da realidade da sociedade africana, tanto dos modelos de representação europeus que a colocavam no lugar do exótico, quanto dos modelos revolucionários do princípio do século XX que ainda encontravam no ocidente o referencial de um idealismo universalista. Fanon considera que esse é um momento em que o intelectual trabalha como catalizador da revolução.

(...) num terceiro período, chamado de combate, o colonizado, depois de ter tentado perder-se no povo, perde-se com o povo, vai, ao contrário, sacudir o povo. Em vez de privilegiar a letargia do povo, transforma-se em despertador do povo. Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No curso dessa fase, um grande número de homens e mulheres que até então jamais haviam pensado em fazer obra literária, agora

que se veem colocados em situações excepcionais, na prisão, nas matas ou aguardando execução, sentem a necessidade de falar de sua nação, de compor a frase que exprime o povo, de se fazer porta-voz de uma realidade de atos. (FANON, 2005, p. 185).

O colonialismo, compreendido como sistema de opressão e controle, produziu uma realidade constituída através de um discurso antagônico. A política colonial realizada pelas metrópoles europeias produziu o colonizado como o “outro” inferior. A política discursiva do colonialismo europeu utilizou seu lugar privilegiado de autoridade epistêmica não somente para reduzir outras culturas à posição de barbárie, mas também para justificar sua ação dominante como forma de levar a civilização para esses “povos bárbaros”, prática que Walter Mignolo (2005) define como *retórica da modernidade*. Esse discurso de justificativa levou à exploração da mão de obra e dominação territorial dos povos colonizados, ocultando uma prática perversa por trás de um discurso salvacionista.

Para Mignolo a modernidade capitalista não pode ser entendida sem o papel do colonialismo como grande responsável por colocar o ocidente como lugar privilegiado de discurso. Mimesis é escrita no momento de crise dos valores modernos, como Auerbach coloca no fim do livro:

Por baixo das lutas e também através delas, realiza-se um processo de igualização econômica e cultural; ainda que há um longo caminho a ser percorrido para se chegar a uma vida comum do homem sobre a terra, mas esta meta já começa a se tornar visível. E ela se torna mais visível e concreta já agora na representação desproporcional, exata, interna e externa, do instante vital qualquer dos diferentes homens. Desta maneira, o complicado processo de dissolução, que levou ao esfacelamento da ação exterior, à reflexão da consciência e à estratificação do tempo, parece tender para uma solução muito simples. Talvez ela seja demasiado simples para aqueles que, não obstante todos os perigos e catástrofes, e tanto por causa da sua riqueza vital como por causa da incomparável posição histórica que oferece, admiram e amam a nossa época. Mas estes são em número reduzido, e provavelmente não viverão para ver senão os primeiros indícios da uniformização da simplificação que se pronuncia. (AUERBACH, 1987, p. 497).

A preocupação com o princípio de uniformização indicado por Auerbach é uma preocupação latente do romance de Pepetela, porém, ele assume uma postura de questionamento desse princípio, juntamente com sua crítica à modernidade e ao colonialismo. O que percebemos é a sobreposição da vida de guerrilheiro do autor e as questões que suas personagens levantam vinculadas ao tempo em que vivem, contribuindo para um realismo que se coloca entre a história e a ficção, possibilitando uma leitura para além do discurso político/histórico oficial.

O romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela, publicado pela primeira vez em 1992, nos apresenta uma grande diversidade de questões a respeito da luta pela libertação colonial em Angola, porém, não é possível definir um único panorama crítico que perpassa todo o romance. O que temos, portanto, é uma grande diversidade de questionamentos e críticas que acompanham as mudanças que sofrem as personagens nos diferentes tempos e espaços que são atravessados ao longo do romance.

A temática da utopia, já apresentada no título da obra, não pode ser encarada como um projeto específico que o livro pretenda retratar. Por mais que, a partir de uma leitura inicial, tendamos a salien-

tar o carácter distópico do romance, temos que observar que essa distopia não pode ser encarada de uma única forma, e nem ser tomada como conclusão crítica do autor que, ao contrário, nos apresenta um epílogo – “Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma história que começa por tanto” (PEPETELA, 2013, pág. 123) – que rejeita um final concreto, acenando para a possibilidade de se reencontrar a utopia perdida (MARINANGELO, 2009). O epílogo é trazido à tona sem a sua função. Assim, a forma do romance incide sobre o próprio conteúdo. Quando Pepetela destaca um carácter de não fechamento, ele encena o movimento de questionamento que não cessa.

O romance transita por vários espaços e diferentes momentos históricos. Começa na Casa dos Estudantes do Império, em Portugal em 1961, e passa por diversos momentos da luta armada até 1991 em Angola. A história do romance retrata um grupo de jovens estudantes cujo ponto comum que compartilham é a realidade perversa do colonialismo. Apesar da inegável crítica ao sistema colonial, Pepetela consegue transitar entre os diversos anseios que habitam a subjetividade de suas personagens. Nesse sentido, “é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade” (BAKHTIN, 1997, p.4), podemos ler. Mais do que uma reflexão a respeito da crueldade inerente ao colonialismo, o que podemos perceber ao ler *A Geração da Utopia* é a inequívoca heterogeneidade de uma sociedade que ultrapassa o maniqueísmo clássico das ideologias revolucionárias.

Dentre as diversas críticas que cada personagem proporciona, iremos observar em Vítor/Mundial um dos aspectos mais duros da colonialidade que, nesse caso, está ligado a reprodução de um modelo político eurocêntrico e uma ideologia individualista que acaba por perverter seu próprio ideal revolucionário. A delimitação temporal e espacial do romance nos permite observar o trajeto percorrido por Mundial durante todo processo de luta pela libertação de Angola, e nos anos de instabilidade política que se seguiram. O primeiro capítulo do romance – *A Casa* – será o tempo pelo qual perceberemos o momento em que o revolucionário, ao se deparar com a realidade da luta, abdica da utopia.

A luta contra o colonialismo não pode ser entendida de forma homogênea. Quando tratamos do sistema colonial estamos encarando um sistema de opressão que se estrutura nos mais diversos níveis de discriminação. Segundo Frantz Fanon, esse sistema produz um mundo dividido em dois, porém, apesar da relação dicotômica entre colonizado e colonizador que Fanon enxerga, ele também reconhece que essa relação dicotômica produz uma sociedade heterogênea, delimitada pelo autor pela relação entre o espaço urbano e o espaço rural como esferas distintas da sociedade colonizada.

Para Fanon, a luta contra o colonizador encontra-se na capacidade da massa rural levantar-se contra o sistema colonial em um momento em que as forças urbanas encontram-se na clandestinidade. Porém, a falta de apoio das diligências urbanas que entendem o rural como atrasado, seguindo uma mentalidade moderna aprendida na metrópole, causa a constante tensão entre ambas as forças, fragmentando o projeto nacional. A força da luta pela libertação colonial – no caso de Angola protagonizada pelo MPLA e o FNLA – se inicia quando o intelectual recusa a mentalidade da metrópole e reconhece a força do campo, rompendo a barreira discriminatória criada pelo próprio colonizador. Segundo Franz Fanon: “O militante nacionalista que decide, ao invés de brincar de esconde-esconde com os policiais nos subúrbios, entregar seu destino às mãos das massas camponesas nunca perde” (FANON, 2005, p.148).

No caso da luta de libertação de Angola temos o MPLA, grupo no qual Pepetela lutou, e que possuía em sua liderança uma intelectualidade urbana que, por conta da realidade colonial distinta que vivia, sustentou uma ideologia nacional na ideia de constituição do país que pretendia suplantar as diversas tensões étnicas que são temas tratados pelo próprio Pepetela em seus romances. Em *A Geração da Utopia* percebemos como a tensão entre a ideologia multiétnica do MPLA e uma realidade desigual entre o campo e a cidade no sistema colonial acabaram por fraturar o projeto que o movimento havia idealizado para Angola.

O processo de luta por libertação e constituição da nação angolana foi marcado pelo intenso debate entre modernidade e atraso tanto em relação ao império quanto nos conflitos entre os dois grandes movimentos emancipatórios, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). (BITTENCOURT, 2008). O que a obra de Pepetela nos permite é ter um panorama crítico ao movimento que já trazia em sua constituição os fatores responsáveis pelos problemas enfrentados após a independência de Angola.

A forma como a complexidade dessa realidade histórica figura na obra de Pepetela nos faz perceber o valor realista que Auerbach reconhece nas obras que analisa.

O ESPAÇO URBANO E A FORMAÇÃO DO IDEAL UTÓPICO:

A primeira parte de *A Geração da Utopia* recebe o título de “A Casa”, e tem como principal espaço A Casa dos Estudantes do Império, que se trata do lugar de encontro da juventude africana que encontra nela um lugar de debate e contato com as ideias revolucionárias e nacionalistas. O espaço da Casa se faz no romance como ponto de contestação do regime colonial salazarista, onde conhecemos as personagens, descritas no romance de forma realista, o que demarca um valor biográfico da obra (MARINANGELO, 2009).

Teremos na Casa dos Estudantes do Império um espaço múltiplo. Na casa dos estudantes podemos perceber uma extensão da casa como “terra natal”, a metáfora de uma Angola que ainda não existe. A projeção da narrativa desse capítulo em dois níveis – A Casa e Lisboa – acabam por criar uma tensão entre os espaços reais e idealizados. A Casa torna-se um projeto, uma metáfora da ideologia libertária presente no coração da metrópole. A Angola que observamos na Casa é a Angola utópica e, ainda que abrigue a tensão dos debates políticos entre os diversos estudantes, podemos perceber a aproximação dessa realidade ao conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson. Entender o Estado como uma comunidade imaginada é reconhecer que não se trata de algo natural, mas sim uma força simbólica capaz de gerar um sentimento de comunhão entre os indivíduos que fazem parte de uma mesma nação (ANDERSON, 2008). O pressuposto de Anderson atravessa a delimitação de um tempo homogêneo capaz de horizontalizar o reconhecimento identitário dentro de um critério de pertencimento comum, a nação.

Partha Chaterjee chama a nossa atenção para o caráter utópico do conceito de Anderson. Apesar de Benedict Anderson considerar o processo histórico pelo qual as elites locais constroem a nação para assegurar seus privilégios, Chaterjee ultrapassa seu conceito ao perceber que o Estado, enquanto nação,

se pensado a partir do modelo imaginado de um tempo homogêneo, suprime a diversidade da cultura nacional em prol de uma ideologia identitária comum. Com isso, o modelo idealizado pelo MPLA, ainda fechado em torno de uma ideologia moderna e apoiada pelo governo soviético, enfrentou uma série de desafios ao se confrontar com uma sociedade cuja realidade colonial levanta novos questionamentos e demandas que não são respondidos pelos conceitos modernos.

O caráter de contestação da casa dos estudantes encontra-se em outro aspecto além de sua função como ponto de encontro da juventude revolucionária. Logo no início do romance ela já assume uma função comparativa entre a sociedade portuguesa e a sociedade angolana. É o que percebemos através do olhar de Sara:

O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. (...) Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar já era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. Regime de eclesiásticos e militares graves, o que convém para um povo de camponeses com pouca terra. (...) Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. (PEPETELA, 2013, p. 10).

O aspecto crítico da narrativa de Pepetela está na construção de um discurso que sempre parte da subjetividade de suas personagens. É através de Sara que começamos a perceber Lisboa: são suas reflexões sobre a cidade e a sociedade que primeiro nos é apresentado no capítulo e, a partir de suas ações e diálogos, que podemos reconhecer o espaço. Vítor Ramos, que depois adota o nome de Mundial, é a primeira personagem com quem Sara se encontra. Sara descreve a relação próxima de Vítor com Malongo e Aníbal, o primeiro grande copitado do sistema colonial e o segundo que seguiria para a guerra em Angola, assumindo uma posição de liderança no movimento.

O desenrolar da narrativa em Lisboa permite a Pepetela apresentar críticas aos aspectos distintos do caráter revolucionário na metrópole e na colônia. Quando alguns dos jovens africanos resolvem participar de uma manifestação contra o regime salazarista, logo se torna claro que as demandas sociais dos portugueses não incluíam a libertação de angolana. O narrador d' *A Geração da Utopia* é claro:

Quando desembocavam no Rossio, onde encontravam outras centenas de manifestantes, alguém gritou Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colônias. Poucos repetiram, e em breve corria o murmúrio, é um provocador, é um provocador. Sara e Laurindo tinham gritado, acompanhando a palavra de ordem. Por que provocação? Gritar Abaixo o Fascismo não era provocação e Independência das Colônias era? Não se tratava da mesma luta? A malta da Casa teria razão, já não era? (PEPETELA, 2013, p.33).

A teoria do sistema-mundo reconhece que a luta antissísmica, como definida por Wallerstein, ocorre de forma distinta no centro e na periferia. As lutas sociais no centro são conflitos de classe em que os trabalhadores reivindicam direitos, porém ainda com preceitos sustentados no racismo e na xenofobia que, apesar das conquistas sociais, ainda reproduzem a dominação no sistema mundo. Já as lutas na periferia

teriam em sua constituição elementos anti-imperialistas, que para além da autonomia, ocorrem em meio a valores de conquista de direitos étnicos e culturais (WALLERSTEIN, 1974).

Com o desenrolar da narrativa observamos o envolvimento dos jovens angolanos na guerrilha. A clandestinidade torna-se uma temática central do capítulo, assim como o envolvimento dos estudantes com a militância e as dificuldades enfrentadas por eles. Em um dos trabalhos recebidos pelo movimento, Vítor deveria convidar Elias para um baile na Casa. O encontro das duas personagens é essencial para entendermos o desenvolvimento das relações de Mundial com o movimento e como posteriormente eles, juntamente com Elias e Malongo, viriam a personificar o caráter distópico da revolução. Nesse momento Vítor ainda está começando a se envolver no movimento, possuindo um conhecimento limitado das dinâmicas da guerrilha e da ideologia revolucionária. O narrador fala

Vítor sentia-se intimidado. Começara a ler umas coisas, a discutir com os mais-velhos, mas reconhecia a sua ignorância. Como argumentar contra um tipo que passava a vida a ler e a discutir teorias de que ele nem sequer ouvira falar? E ainda por cima sem levantar a voz, pacientemente, como um professor ou um padre que explica algo a uma criança. (PEPETELA, 2013, p. 97)

Durante sua missão, Vítor conversa com Elias que lhe apresenta a ideologia revolucionária da UPA. Durante o diálogo, Elias defende uma postura revolucionária combativa que, utilizando um conceito de Fanon de forma pragmática, sustenta a necessidade de uma violência generalizada para se romper com o sistema colonial, negando a possibilidade da convivência multiétnica defendida pelo MPLA. Apesar de discordar inicialmente, as críticas a respeito das distintas experiências coloniais começam a constituir o imaginário de Mundial:

- Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos Estudantes. Mas a Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multirracial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. É mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. (PEPETELA, 2013, p.97)

O argumento de Elias perpassa a preocupação já anunciada por Franz Fanon do perigo de uma intelectualidade moldada segundo os preceitos modernos eurocêntricos que, ao negociar a independência apenas garantiria seu lugar de privilégio na nova sociedade, assegurando a manutenção das relações coloniais com os países centrais. Suas críticas então voltam-se a outro ponto da crítica fanoniana a respeito de um movimento de caráter urbano, ainda perdido na clandestinidade das cidades sem preocupar-se com a verdadeira força revolucionária que estaria no campo.

(...) E tu alinhas nessas utopias, porque teu pai não é camponês. O meu é. E a única hipótese de estudar foi aproveitando a bolsa da minha Igreja. O camponês só pode ser mobilizado para a luta por formas bem concretas, que ele entenda, por exemplo o ódio ao branco ou a repartição das terras dos brancos. Vai falar da luta contra o colonialismo

como sistema, sem tocar nos roceiros e nos comerciantes. Ninguém te segue, a não ser os intelectuais da cidade. E esses não contam numa luta destas. (PEPETELA, 2013, p.97)

Por mais que as ideias de Elias acabem envolvendo uma postura generalista quanto às forças coloniais, suas críticas a respeito dos limites das ideologias eurocêntricas já apontavam para os problemas que a revolução enfrentaria e, a partir desse momento, Mundial já possui o princípio da ruína que se tornaria seu projeto ideológico. O que não podemos esquecer é que a reflexão apresentada na narrativa não pode ser entendida como uma crítica generalizada ao movimento. Trata-se apenas de uma das muitas formas de crise ideológica que ocorre no romance.

O fracasso de se instaurar a comunidade imaginada pelo MPLA em Angola encontra diversas formas de figurar no romance de Pepetela. O caso de Mundial analisado aqui repercutiu na corrupção do revolucionário, porém outras personagens, como o Sábio, por exemplo, que escolhe o exílio frente à falha da revolução, apresentam outras formas de se encarar os limites que a guerra anticolonial encontrou na tentativa de instaurar uma sociedade igualitária e livre do colonialismo.

A trabalho de Pepetela com o cotidiano dos combatentes se desenvolve, em *A Geração da Utopia*, a partir da Casa dos Estudantes do Império até o capítulo final que coincide com o ano de publicação do livro, em 1991. A partir disso percebemos nesse primeiro capítulo a forma pela qual a construção das personagens não pode ser entendida fora de suas próprias experiências, seus lugares de origem e o tempo em que se encontram. Como observado, a riqueza do realismo de Pepetela encontra-se em sua capacidade de construir uma narrativa que quebre uma lógica homogênea de discurso. Ao representar o cotidiano da luta na experiência subjetiva de cada guerrilheiro não se assume um projeto discursivo universal, ao contrário, reconhece-se a necessidade de se dar visibilidade ao discurso daqueles que, historicamente, foram ignorados pelo paradigma ocidental ao mesmo tempo que se questiona os parâmetros ideológicos com os quais se estava a pensar Angola.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BITTENCOURT, Marcelo. Modernidade e atraso na luta de libertação angolana. In: Reis, Daniel Aarão e Rolland, Denis (org.). **Modernidades Alternativas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 277-294.

SAID, EDWARD. Humanismo e crítica democrática. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MARINANGELO, Célia Regina. A geração da utopia: a lição do mar. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (orgs.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 125-139.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de américa latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2005.

PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: Leya, 2013.

WALLERSTEIN, I. The rise and future demise of the world capitalista system: concepts for comparative analysis. **Comparative studies in society and history**, vol. 16, p. 387-415, 1974.

Submetido à publicação em 14 de janeiro de 2017.

Aprovado em 11 de março de 2017.